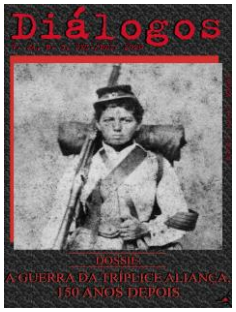

Diálogos

ISSN 2177-2940

CC BY

Disputas diplomáticas e imprensa após a Guerra do Paraguai: a Missão Mitre de 1872 no *La Nación* e no *Jornal do Commercio*[1]

https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56660

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

https://orcid.org/0000-0002-9625-1757

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: anapaulabarcelos@gmail.com

Disputas diplomáticas e imprensa após a Guerra do Paraguai: a Missão Mitre de 1872 no *La Nación* e no *Jornal do Commercio*

Resumo: Neste artigo, analisamos a missão diplomática de Bartolomé Mitre no Brasil, em 1872, por meio das páginas do *La Nación* e do *Jornal do Commercio*. Em um contexto de tensões e disputas territoriais, o historiador, general e ex-presidente argentino esteve no Rio de Janeiro a fim de garantir o Tratado de Aliança (1865) e a desocupação do território paraguaio por forças aliadas. Sua visita tem grande repercussão nas imprensas brasileira e argentina. Assim, conjugamos história, diplomacia e imprensa, pensando seu papel na legitimação das ações diplomáticas e as relações entre políticas externa e interna nas décadas finais do Império.

Palavras-chave: Missão Mitre, diplomacia, imprensa.

Diplomatic disputes and press after Paraguayan War: Mitre's Mission of 1872 in *La Nación* and *Jornal do Commercio*

Abstract: In this article, we analyse the Bartolomé Mitre's diplomatic mission to Brazil, in 1872, by means of the pages of *La Nación* and *Jornal do Commercio*. In a context of tensions and territorial disputes, the Argentinian historian, general and ex-president was in Rio de Janeiro for the purpose of guarantee the Treaty of the Triple Alliance (1865) and the exit of allied forces from Paraguayan territory. His visit has a big repercussion in Brazilian and Argentinian press. Therefore, we combine history, diplomacy and press, thinking about its role in the legitimation of diplomatic actions and the relations between foreign and domestic policies in the last decades of Empire.

Key words: Mitre's mission, diplomacy, press.

Disputas diplomáticas y prensa tras la Guerra del Paraguay: la Misión Mitre de 1872 en *La Nación* y *Jornal do Commercio*

Resumen: En este artículo, analizamos la misión diplomática de Bartolomé Mitre al Brasil, en 1872, por medio de las páginas del *La Nación* y del *Jornal do Commercio*. En este contexto de tensiones y disputas territoriales, el historiador, general y expresidente argentino estuvo en Río de Janeiro a fin de garantizar el Tratado de Alianza (1865) y la desocupación del territorio paraguayo por las fuerzas aliadas. Su visita tiene gran repercusión en las prensas brasileña y argentina. Así, conjugamos historia, diplomacia y prensa, pensando en su papel en la legitimación de las acciones diplomáticas y las relaciones entre las políticas exterior e interior en las últimas décadas del Imperio.

Palabras clave: Misión Mitre; diplomacia; prensa.

Recebido em: 14/11/2020

Aprovado em: 13/12/2020

[1] O projeto de pesquisa no qual se insere este artigo é apoiado com bolsa de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq e financiado com bolsa de Prociência da UERJ e bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

Introdução: A Missão Mitre de 1872, a imprensa e a opinião pública

Em junho de 1872, o general, historiador e ex-presidente argentino Bartolomé Mitre foi designado como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial ao Rio de Janeiro. Sua missão era motivada pelos conflitos diplomáticos entre Brasil e Argentina que se acentuavam desde os anos finais da Guerra do Paraguai. Segundo Francisco Doratioto (2014), a partir de meados de 1868, quando o Partido Conservador reassume o governo imperial, a diplomacia preocupa-se em conter a Argentina e romper as alianças com o país. Em outubro deste mesmo ano, o mandato de Mitre como presidente chega ao fim e assume Domingo Sarmiento, resistente à aliança com o Brasil e desconfiado em relação aos objetivos expansionistas do Império. Sobre este contexto, Doratioto afirma que após a guerra "a política do governo imperial, sob o controle do Partido Conservador, foi a de reafirmar a existência do Paraguai como Estado independente e, ao mesmo tempo, evitar que a Argentina se apossasse de todo o Chaco, como lhe fora facultado pelo Tratado da Tríplice Aliança" (DORATIOTO, 2002, p. 481). O governo brasileiro estaria, então, convencido de que Sarmiento pretendia anexar o Paraguai à Argentina. Do lado argentino, Sarmiento temia a política expansionista do Império e passou a defender que "a vitória militar não concedia aos vencedores direitos sobre o vencido quanto à definição de fronteiras" (DORATIOTO, 2002, p. 481).

Empenhado em evitar o domínio argentino sobre o Chaco, o Império assinou o tratado Loizaga-Cotegipe, em 9 de janeiro de 1872, aliando-se ao vencido e ferindo os interesses da Argentina. Fruto de acordos em separado com o governo paraguaio, o tratado possibilitava que o Império brasileiro ficasse com a terceira parte do Paraguai, o que levou a uma forte oposição entre políticos e a imprensa argentina que fez duras críticas ao Brasil. Ainda de acordo com Doratioto, "as relações entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires atingiram, então, seu pior momento desde a guerra contra Rosas" (DORATIOTO, 2014, p. 52). O ponto crítico da crise se deu quando, em 27 de abril, Carlos Tejedor, ministro argentino das Relações Exteriores, publicou uma dura nota de protesto contra o acordo que infringiria as decisões do Tratado de Aliança, assinado em 1865[2].

[2] O Tratado da Tríplice Aliança foi assinado em 01 de maio de 1865, entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, contra o Paraguai. O texto estabelecia uma aliança militar, os pré-requisitos para a paz e a definição prévia das fronteiras entre o Paraguai e os vizinhos Argentina e Brasil. Além disso, o artigo 9º "determinou que, finda a guerra, seriam garantidas a independência, a soberania e a integridade territorial paraguaias. Tal integridade, porém, seria do que restasse de território ao país guarani, após ser aplicado o artigo 16º daquele tratado, pelo qual o Paraguai perdia para os aliados territórios até então sob sua soberania, ou, ainda, litigioso" (DORATIOTO, 2002, p. 160-161). O Tratado determinava que a guerra seria contra o governo do Paraguai e não contra o seu povo. Além disso, após o fim do conflito, o Paraguai deveria pagar indenizações de guerra e "os aliados comprometiam-se a não depor as armas senão em comum acordo e depois da derrubada de Solano López, ficando proibida qualquer iniciativa separada de paz por um dos países aliados" (DORATIOTO, 2002, p. 161).

Apesar das autoridades brasileiras estarem prevenidas contra Mitre, ele teria sido considerado por Sarmiento, com quem rivalizava naquele contexto, o nome mais indicado para acertar as questões pendentes com o Império em razão do seu prestígio no Brasil. Esta busca por conciliação diplomática seria a principal opção de Sarmiento diante da falta de condições militares de enfrentamento do Império. Para Doratioto:

> Figura respeitada nos meios políticos brasileiros, Mitre constatou que o entendimento entre os dois antigos aliados era dificultado pelas desconfianças que o Império possuía das reais intenções da Argentina. Ambos os países armavam-se e a situação era agravada por Bolívia e Chile, que buscavam aproveitar-se dessas divergências para utilizar o Brasil como respaldo para fortalecer suas demandas junto a Buenos Aires (DORATIOTO, 2014, p. 52-53).

Mitre já havia estado no Rio de Janeiro em 1871, quando teve boa acolhida, encontrou políticos e intelectuais, realizou pesquisas e foi designado membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em razão do seu reconhecimento como historiador[3]. Em 1872, em viagem diplomática, entre seus principais objetivos estavam o reconhecimento do Tratado de Aliança pelo governo brasileiro e a desocupação do território paraguaio por forças aliadas. No entanto, para Doratioto, a missão não teria sido "um grande feito":

> Ciente de que a paz em separado entre Brasil e Paraguai era um fato consumado, Bartolomé Mitre conseguiu sua aceitação por Sarmiento. Em troca, obteve que o governo imperial reafirmasse a vigência do Tratado de 1º de Maio de 1865 e se comprometesse a cooperar "com sua força moral" nas negociações entre os Governos argentino e paraguaio para a assinatura dos tratados de paz. Na realidade, o acordo não era um grande feito pois continuavam a vigorar os tratados assinados em 1872 entre o Paraguai e o Império, mas Mitre foi recebido triunfalmente na volta a Buenos Aires, talvez por ter afastado a hipótese de guerra entre argentinos e brasileiros (DORATIOTO, 2014, p. 53-54).

Além disso, para o autor, os resultados da missão foram infrutíferos, porque no ano seguinte, ao se dirigir a Assunção, Mitre tinha a tarefa de assinar um tratado pelo qual o Chaco argentino fosse até o rio Pilcomaio, mas o negociante imperial, Barão de Araguaia, não o apoiou. Diante do fracasso dessa tentativa, ficaria provado que o projeto do governo Mitre de cooperação entre Brasil e Argentina, iniciado na aliança contra Solano López, não teria prosseguimento. Neste contexto, para Doratioto, as políticas externas brasileira e argentina passaram a rivalizar "para impor sua influência na reconstrução institucional e na definição territorial do Estado paraguaio no pós-guerra" (DORATIOTO, 2014, p. 55). A diplomacia argentina buscou um acordo de limites e paz com o Paraguai sem a participação do Império, o que deu origem ao Tratado Sosa-Tejedor que, por

[3] Para pensar Mitre como historiador e seu papel na escrita da história nacional, ver, entre outros: (ROMERO, 1943), (DONGHI, 1996), (PALTI, 2000), (FREITAS NETO, 2011), (MÍGUEZ, 2018).

pressão brasileira, acabou não ratificado pelo Paraguai. As duas repúblicas apenas fecharam acordo em 1876, quando a hegemonia brasileira no Prata se encontrava enfraquecida. Ainda assim, o resultado foi satisfatório para o Brasil, pois a independência do Paraguai foi ratificada e a Argentina não se apossou do Chaco. A definição da fronteira entre Argentina e Paraguai veio em 1878 com a interferência dos Estados Unidos[4].

Ainda que considerada infrutífera por Doratioto, podemos dizer que a atuação de Mitre em 1872 teria contribuído para apaziguar as tensas relações entre os países, impedindo o que poderia ter se tornado um novo conflito direto e armado. Além disso, consideramos sua missão como importante janela de reflexão para as relações diplomáticas entre Brasil e Argentina no período posterior à guerra do Paraguai, com destaque para as tensões políticas e para as disputas territoriais. O evento permite ainda pensar a relação entre Mitre e políticos brasileiros, como o visconde do Rio Branco e o próprio Imperador Dom Pedro II, e a leitura mais amena, embora transpassada por interesses estratégicos, que faz do Império e reverbera em seu país. Neste artigo, propomos, mais especificamente, uma análise da forma como a missão apareceu em dois dos principais jornais argentinos e brasileiros: o *La Nación* e o *Jornal do Commercio*.

O primeiro deles, fundado pelo próprio Mitre em 1870, teria representado, segundo José Luis Romero, uma forma do ex-presidente tornar sua ação mais próxima "de la lucha intelectual" (ROMERO, 1943, p. 11) na defesa de suas ideias liberais e históricas. Lembramos também que neste período a imprensa se tornava cada vez mais, em ambos os países, palco fundamental nas disputas políticas. Hilda Sábato aponta o lugar central ocupado pela imprensa periódica "que se convirtió en instrumento clave de acción política y espacio de intervención para cualquiera que quisiera tener una voz en el debate público" (SÁBATO, 2009, p. 18). Assim, a imprensa se propôs a representar a opinião pública e a criar e moldar identidades coletivas. Para Sábato, Mitre teria sido "quizá, la figura más emblemática de la prensa de esos años, en los que el 'diarismo' se diseminó por todo el país" (SÁBATO, 2009, p. 18). Apesar de ir além de Mitre e não representar apenas suas ideias, o *La Nación* é transpassado por elas e se revela uma fonte relevante para se analisar sua posição em relação ao Império brasileiro. Através dele, é reverberada na Argentina sua leitura amena em relação à monarquia vizinha e a alguns dos seus mais importantes representantes como os já mencionados Imperador e o Visconde do Rio Branco, com quem mantinha parceria desde o início da década de 1860. No período de tensão da missão Mitre, essa leitura amena em muitos

[4] Segundo Doratioto, "em 1878, o laudo arbitral do Presidente norte-americano Rutherford Hayes declarou paraguaia essa área litigiosa" (DORATIOTO, 2014, p. 58). Como desejava a diplomacia imperial, os limites entre a Argentina e o Paraguai passar a ser definidas pelo rio Pilcomayo. Com isso, é eliminado o principal motivo de tensão nas relações diplomáticas entre Brasil e Argentina.

momentos dá lugar às críticas dos redatores em relação ao Brasil e a suas pretensões no Chaco, como veremos.

O *Jornal do Commercio* foi criado em 1826 pelo livreiro e editor Pierre Plancher, com o nome de *Espectador Brasileiro*. Fechado, reabriu em 1827 passando a se chamar *Jornal do Commercio*. É considerado hoje o mais antigo diário da América Latina a circular sem interrupções desde sua fundação. Nelson Werneck Sodré (1999) o considera como próximo a um jornalismo oficial, mesmo não sendo partidário. Segundo Ana Luiza Martins, pela antiguidade e pela linha conservadora, o *Jornal do Commercio* talvez seja "a melhor representação do jornalismo oficial do Império. Sua história se confunde com a do próprio Reinado, abrigando os jornalistas mais expressivos do período, decisivo nas questões comerciais do país" (MARTINS, 2018, p. 52). Apesar disso, costumava se eximir em assuntos polêmicos, "isentando-se de partidarismos, figurando como jornal apartidário, de perfil conservador" (MARTINS, 2018, p. 54).

Apesar da sua proximidade com a instituição monárquica, Paula Ramos (2015) considera que o jornal não se absteve de criticar alguns aspectos da política imperial, como a permanência da escravidão. No final do século XIX era considerado um dos mais importantes órgãos de imprensa do Rio de Janeiro. Reformista, desqualificava a campanha republicana. Pensando as representações sobre a Argentina na imprensa brasileira, Paula Ramos afirma que o país apareceu em diferentes pautas nas décadas finais do Império, servindo de parâmetro ora para elogiar ora para criticar o governo brasileiro. O *Jornal do Commercio* foi um dos palcos desses debates. Para ela, as representações do jornal sobre a Argentina podem ser divididas em duas fases: até meados de 1879, com um hiato entre novembro de 1876 e abril de 1877, período caracterizado por uma visão negativa em relação à República vizinha; e meados de 1879 em diante, marcado por uma visão mais positiva. O primeiro desses períodos é marcado por rivalidades geopolíticas e desentendimentos nas demarcações de fronteiras. E é justamente nesse processo que se insere a missão Mitre. Refletindo as disputas internas na própria imprensa brasileira, o periódico se demonstra preocupado com a repercussão do movimento republicano na Argentina que faria pensar que o Império estava ameaçado. A troca do correspondente do jornal em Buenos Aires em 1876 por outro mais favorável à República levou a um hiato e a uma mudança de visão que se desenrolou nos anos seguintes com outros colaboradores que seguiam o mesmo posicionamento político. Nos anos 1880, o desenvolvimento econômico e o tema da imigração ganharam destaque, já que o jornal era favorável à substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre e tinha na Argentina um modelo. Já no final da monarquia, o tom se torna ainda mais favorável e a análise do jornal mostra-se de grande relevância ao adicionar "nuances às interpretações que ressaltam a tônica do afastamento e das rivalidades" (RAMOS, 2015, p. 156).

Sobre as históricas rivalidades entre os países, lembramos o que diz Maria Lígia Prado a respeito das fronteiras geográficas, políticas e culturais criadas pelas antigas metrópoles entre suas colônias americanas. "E as independências não solucionaram esse impasse e não promoveram a tão proclamada necessidade de união entre todos os americanos do sul" (PRADO, 2001, p. 128). Buscando entender esse fosso, a autora elege dois momentos para a análise: o período de construção dos Estados nacionais no início do século XIX e a instalação da república no Brasil no final do século, momento no qual se deu o que ela chama de uma "tímida aproximação oficial com a América hispânica" (PRADO, 2001, p. 140). Nesses diferentes momentos, Prado identifica um imaginário que, no Brasil, pensa os vizinhos como outra América. Para isso, a autora parte das interpretações para a história do Brasil desenvolvidas no IHGB a partir de 1838. Nessa perspectiva comprometida com a consolidação do Estado monárquico, a monarquia era necessária e garantia da civilização, enquanto as repúblicas eram instáveis e caóticas. Ideias presentes em Januário da Cunha Barbosa, Von Martius e Varnhagen, alguns dos mais importantes representantes da instituição. A autora menciona ainda a visão negativa de políticos e intelectuais argentinos e uruguaios sobre o Brasil, principalmente no que se refere à escravidão, como é o caso de Domingo Sarmiento. Deste modo, as diferenças entre "nós" e "eles" foram estabelecidas ao longo de todo o século fortalecendo as rivalidades que se intensificam em conjunturas de disputas territoriais e diplomáticas, como vimos apontando neste texto.

Diante de sua importância e centralidade nas capitais Buenos Aires e Rio de Janeiro, os jornais aqui destacados se tornam fontes ricas e instigantes para se observar o espaço alcançado na imprensa (embora sejam um recorte e não a representem como um todo) por essas rivalidades manifestadas amplamente no pós-guerra, pelas disputas territoriais e pela atuação diplomática de Mitre na busca por negociação no ano de 1872[5]. Mais ainda: permitem perceber a tentativa de formar na opinião pública uma imagem acerca do país vizinho de modo a conquistar seu apoio no conflito. Neste sentido, a própria imagem de Mitre é colocada em jogo, ora como negociador, ora como inimigo, ora como próximo demais do Brasil, ora como eficiente e hábil, entre várias outras nuances. Assim, como lembra Jean-Jacques Becker sobre a história da opinião pública, é possível "entender a reação imediata a um acontecimento preciso e num momento estritamente delimitado" (BECKER, 2003, p. 189) quando analisamos ambos os jornais aqui selecionados acerca da Missão

[5] Os jornais foram analisados pela autora deste artigo e por seus bolsistas de Iniciação Científica ao longo de todo o período entre 1870 e 1889 – pós-guerra do Paraguai e décadas finais do Império. O principal objetivo era selecionar todos os artigos que tratassem das relações entre o Império e a República vizinha, especialmente aqueles que abordassem a figura de Bartolomé Mitre. Em razão das disputas e negociações territoriais após a guerra, o número de artigos levantados na década de 1870 foi bem mais significativo que o da década de 1880. Aqui, tendo em vista o recorte adotado, serão analisados apenas aqueles referentes ao ano de 1872 e alguns artigos do *Jornal do Commercio* de 1873.

Mitre. Para o autor, é preciso desenvolver uma análise quantitativa e qualitativa da imprensa quando se trabalha com a opinião pública, buscando-se, para isso, explorar vários jornais e não apenas um. Nosso foco aqui não é uma análise da opinião pública, mas, de todo modo, tangenciamos as disputas que se dão em torno dela no episódio recortado a partir de um jornal de grande circulação e com forte repercussão em cada país. Além disso, veremos como as falas de muitos outros jornais argentinos e brasileiros aparecem nas páginas do *La Nación* e do *Jornal do Commercio* selecionadas de acordo com seus interesses, o que nos permite observar os ecos da missão. Apesar de defender a incapacidade da imprensa em dizer o peso de cada opinião emitida, Becker a considera como "uma produtora considerável de informações diversas, que esclarecem as atitudes e os comportamentos (...)" (BECKER, 2003, p. 196). Por meio dela, buscamos perceber como o acontecimento foi percebido em sua época, ainda que tratemos apenas de um recorte. Afinal, segundo o autor, as políticas interna e externa não são feitas pela opinião pública, mas também não podem ser feitas sem levá-la em consideração, pois ela viabiliza as ações dos seus representantes. Deste modo, "não existe política que possa se desenvolver por muito tempo – pelo menos num Estado democrático e provavelmente também um pouco nos outros – sem vínculos estreitos com as tendências dominantes da opinião pública" (BECKER, 2003, p. 205).

A Missão Mitre no jornal *La Nación*

Já dissemos que o *La Nación* foi fundado por Mitre em 1870 e possuía estreitos vínculos com suas ideias. Sabemos também que no contexto da assinatura do Tratado Loizaga-Cotegipe e nos meses seguintes, a imprensa argentina teceu duras críticas ao Brasil, "criando-se mesmo um clima de guerra" (DORATIOTO, 1993, p. 90). O jornal, que ao longo das décadas finais do Império desafia, em muitos momentos, as rivalidades e desconfianças nas relações entre Brasil e Argentina, apresentou tom mais ameno, mas, ainda assim, bastante crítico nas falas sobre o Brasil. Nesse sentido, por exemplo, na coluna "Prensa Brasilera"[6], o *La Nación* apresenta as críticas feitas pela imprensa brasileira a Tejedor, ao governo argentino e ao próprio Mitre, de modo a destacar o clima hostil no país vizinho. Ao mesmo tempo, em junho, a missão de Mitre é apoiada pelo periódico carregando as expectativas de conciliação e manutenção da paz entre os países.

[6] A coluna era publicada com frequência, em geral na primeira página do jornal. Nela eram apresentados ao público argentino os debates presentes na imprensa brasileira no momento. Para isso, eram reproduzidos trechos ou a íntegra de reportagens de jornais brasileiros recebidos pelo *La Nación*. Os artigos eram ainda baseados em correspondências enviadas por seus representantes no Rio de Janeiro. Boa parte das informações tratadas neste artigo e trocadas entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires se dava dessa forma.

No dia 23 de janeiro de 1872, já aparece no jornal a ação de Cotegipe assinando o tratado diretamente com o Paraguai. A posição expressa é de oposição à ação do Império, por estar distante do espírito de concórdia presente no Tratado de Aliança de 1865, mas, simultaneamente, defende-se que as dificuldades que surgissem na relação entre Brasil e Argentina deveriam ser encaminhadas com prudência e patriotismo. Em 23 de abril, antes da nota assinada por Tejedor que deixou os ânimos ainda mais acirrados, no artigo "La política del Brasil", aparece uma crítica ao pouco conhecimento dos brasileiros em relação às questões do Prata. A diplomacia brasileira também recebe duras críticas por sua atuação ao longo da história:

> En el Brasil mismo saliendo del estrecho círculo de los hombres de Estado, pocos son los que entienden las cuestiones del Río de la Plata. (…)
> El Brasil, siguiendo antiguas tradiciones después de más de medio siglo de sacrificios muy serios, había logrado debilitar la República Argentina, haciendo segregar la Provincia de Montevideo y la del Paraguay, reteniendo usurpados grandes territorios que nos pertenecen, aprovechándose de las dificultades que nos creaba la guerra de la Independencia y la organización nacional (LA NACIÓN, 23/04/1872).

No dia 01 de junho, na coluna "Prensa Brasilera", a partir da reprodução de trechos do *Democracia*, jornal republicano de Porto Alegre, a missão de Mitre no Brasil já começa a ser comentada. Segundo a coluna (que, como vimos, está reproduzindo a opinião de um jornal republicano brasileiro), a agitação da imprensa argentina era grande e o general Mitre "aceptando esa misión, llena de espinos, juega en ella su pasado y juega su futuro" (LA NACIÓN, 01/06/1872). Na coluna também consta que, esgotados os recursos da diplomacia, Mitre tinha autorização para iniciar uma guerra. Sobre esta possibilidade de guerra, afirma: "La guerra contra el Brasil es popularísima en ambas márgenes del Plata" (LA NACIÓN, 01/06/1872). Veremos mais adiante como o *Jornal do Commercio* se utiliza desse mesmo artigo para acusar a imprensa republicana de insuflar o país vizinho contra o Império. No dia 09 de junho, na mesma coluna, e com o subtítulo "Los grandes servicios del señor Rio Branco", são reproduzidos trechos do jornal *A Reforma* do Rio de Janeiro. Neles os rumores em Buenos Aires de guerra contra o Brasil são destacados. Mesmo os liberais mais próximos do Império, defensores da paz, já estariam propondo "que se arme la República como único recurso, la única política posible ante la política de San Cristóbal" (LA NACIÓN, 09/06/1872). Demonstrando a ironia do título, faz críticas ao visconde do Rio Branco que estaria levando o Brasil a perder uma de suas mais importantes conquistas na América, "la alianza y la confianza de los argentinos" (LA NACIÓN, 09/06/1872). Complementa: "Toda la prudencia, toda la paciencia misma, para afirmar esa confianza debe ser la base de una buena política brasilera. Siempre que esa base nos falte, nuestros tratados con el Paraguay y Uruguay solo pueden producir frutos de la sangre, porque depende de la fuerza de las armas" (LA NACIÓN,

09/06/1872). Diz ainda não querer guerra com ninguém, menos ainda com os argentinos. O tom, portanto, é de tentativa de conciliação por parte do jornal brasileiro. Não por acaso, seu artigo é reproduzido pelo *La Nación*, provavelmente na tentativa de mostrar que no Brasil não se fazia apenas a crítica a Argentina, mas defendia-se a paz e a conciliação entre os países. Haveria, portanto, uma opinião pública favorável à paz.

No dia 18 de junho, no artigo "Misión al Brasil", o jornal reproduz uma reportagem do *Democracia* de Montevidéu. Nele a escolha de Mitre para a missão é caracterizada como acertada por reunir todas as condições necessárias a um homem público para tal tarefa: "Juzgamos que la elección no puede ser más acertada. Las condiciones especialísimas que reúne el General Mitre para desempeñar aquellas funciones, no pueden hallarse en ningún otro hombre público" (LA NACIÓN, 18/06/1872). Afirma-se ainda esperar que um conflito internacional seja evitado por seu caráter prejudicial para ambos os países: "Ambas naciones deben interesarse en un justo medio, que deje a salvo sus respectivos derechos y mantenga la harmonía de sus relaciones, tan necesarias para su mutua prosperidad" (LA NACIÓN, 18/06/1872). É cobrada também uma posição da República Oriental em relação ao conflito.

A partir do mês de julho o tom do jornal começa a se tornar menos agressivo. No dia 06 de julho, o periódico reproduz um trecho de artigo do jornal *Republicano* da cidade argentina de Gualeguaychú, com o título "Misión al Brasil", no qual defende o governo argentino e a atuação de Mitre:

> Mucho esperamos de la ilustración y patriotismo del Plenipotenciario Argentino, – y también debemos decirlo, – de la rectitud del Gobierno Brasilero, que esperamos no querrá atraerse las notas de inconsecuente, rompiendo de una manera indigna con los compromisos de la alianza.
> El Gobierno Argentino cumple su deber poniendo por su parte todos los medios pacíficos para zanjar tan odiosa cuestión, – pues así se encontrará él para ante el mundo completamente justificado, si desconociéndose nuestros derechos, se produce un conflicto, que todos deben evitar por medios dignos (LA NACIÓN, 06/07/1872).

No dia 14 de julho, o *La Nación* reproduz artigo do próprio *Jornal do Commercio* no qual consta que a imprensa argentina começava a amenizar as críticas ao Brasil e que se os vizinhos estavam dispostos a discutir amigavelmente e a renunciar à ideia de guerra, encontrariam boa vontade do jornal (que procura falar em nome dos brasileiros). Acrescenta: "Si, pues, como debemos creer, el General Mitre viene sinceramente en una misión de paz, bien venido sea (…)". Conclui dizendo:

> (…) el tono últimamente adoptado por la prensa argentina, haciendo votos por el buen éxito de esta misión, mas y mas nos afirman en la creencia de que el diarista apasionado y

> partidario quedó en Buenos Aires, y que a esta corte solo ha llegado el enviado especial dedicado a servir los verdaderos intereses, no ya de un partido, sino de una nación entera (LA NACIÓN, 14/07/1872).

No dia 23/07, em artigo intitulado "La misión del General Mitre", o jornal reproduz trechos da fala de Mitre ao se apresentar a Dom Pedro II, no dia 13 de julho, na qualidade de ministro da Argentina. Os trechos teriam sido anteriormente publicados pelo jornal *La Opinión*. Na ocasião, o general teria dito que um dos objetivos de sua missão seria mostrar "en cual alta estima tienen pueblo y gobierno argentino la amistad, la alianza y las buenas relaciones del pueblo y gobierno brasilero" (LA NACIÓN, 23/07/1872). Em tom elogioso e respeitoso dirigido ao Brasil e ao Imperador, Mitre defende a paz e a liberdade da região e diz que pretende:

> Contribuir a que esa unión se consolide en el presente y se prolongue en el futuro bajo los auspicios del derecho y recíprocos intereses, marchando ambas naciones con paso firme y tranquilo hacia los grandes y pacíficos destinos a que están reservados pueblos civilizados y libres que obedecen a la ley del progreso y son fieles a la moral y la justicia, tales son, señor, los objetos generales de la misión que se me ha confiado (LA NACIÓN, 23/07/1872).

O Imperador teria respondido a Mitre no mesmo tom, dizendo que ninguém conheceria melhor que o general argentino "la política de buena amistad que el Brasil siempre ha seguido con sus vecinos (...)" (LA NACIÓN, 23/07/1872). Finalmente, teria desejado que a missão tivesse êxito para ambos os países.

Até agosto de 1872, o tom do jornal é de otimismo quanto aos resultados da missão em razão das supostas inteligência e adequação de Mitre à tarefa. Em 08 de agosto, os redatores dizem ter "motivos para creer que la misión al Brasil ha de conseguir la solución de las dificultades que han surgido" (LA NACIÓN, 08/08/1872). Mitre teria tido uma indisposição de saúde, mas o próprio ministro Manuel Francisco Correia teria ido ao encontro da delegação argentina para continuar as negociações. No dia 29 do mesmo mês, no artigo "Cuestion brasilera-argentina", o jornal afirma que os rumores de rompimento com o Império haviam desaparecido e que Mitre afirmava que os detalhes ainda não ajustados seriam secundários de modo que a questão estaria terminada. Fala ainda dos encontros harmônicos e cordiais entre o Visconde do Rio Branco, seus ministros e Mitre, no Hotel dos Estrangeiros, onde o ministro argentino estava hospedado.

No entanto, a partir de setembro, o jornal intercala o tom otimista em relação à ação de Mitre com outro mais ácido que aponta o preparo do Império para uma possível guerra e desconfia dos acordos assinados. Na breve notícia intitulada "Los armamentos del Brasil", publicada no dia 07 de setembro, encontramos a afirmação de que o Brasil estaria se armando e que "procede así o

porque tiene intención de hacernos la guerra, o porque teme que nosotros se la llevemos" (LA NACIÓN, 07/09/1872). O jornal cobra ainda que o governo argentino indague o brasileiro sobre suas intenções, pois ficar em silêncio seria uma falta grave. No dia 28 do mesmo mês, já afirma, a partir de trecho do jornal de mensagem governamental *La Tribuna*, que o conflito estaria terminado e as bases do acordo entre o governo imperial e Mitre seriam favoráveis à Argentina, salvando-se todos os seus direitos. Reafirma ainda o talento e o patriotismo de Mitre para a missão. Recorta trecho do jornal *Nacional* que diz: "(...) lo que podemos asegurar a nuestros lectores: es que el horizonte político empieza a despejarse y que ahora hay más que nunca esperanza de que no se interrumpan las buenas relaciones con el vecino imperio" (LA NACIÓN, 28/09/1872).

É importante frisar que o jornal frequentemente recortava trechos de outros periódicos a fim de legitimar suas afirmações e apresentar como caminhava o debate sobre a questão argentino-brasileira na imprensa de modo a construir uma opinião pública favorável à sua posição. Procedimento também comum no *Jornal do Commercio*. Afinal, como vimos no início deste artigo, não há política interna ou externa que seja feita à revelia da opinião pública. Com isso, muitas vezes defendia a imagem e as ações de Mitre, destacando falas que o favoreciam e sugerindo ou afirmando claramente o êxito de sua missão no Brasil. Lembramos que a legitimação de sua imagem vinculava-se à candidatura na eleição presidencial de 1874. Assim, os sucessos ou fracassos da atuação diplomática em 1872 e 1873 influenciariam em seu futuro desempenho eleitoral. Em notícia de 22 de novembro, intitulada "Arreglos con el Brasil", o jornal informa que as tratativas entre Mitre e o marquês de São Vicente no Rio de Janeiro estariam concluídas e que "parece que las condiciones no pueden ser más convenientes y honrosas para los contratantes. Felicitamos por ello al Pueblo de la República, al gobierno y al negociador argentino" (LA NACIÓN, 22/11/1872). Na "Prensa Brasilera" de 27 de novembro, o redator apresenta um apanhado do que diziam os jornais brasileiros sobre os acordos de modo a destacar que a paz estaria assegurada e que:

> (…) el grito de guerra que mandó levantar en la prensa el gobierno indignado, se transformó en abrazos fraternales de la más pura y expansiva cordialidad; la vehemencia cruel de la prensa de ambas naciones será sustituida por himnos de amor y de fidelidad (LA NACIÓN, 27/11/1872).

No dia 01 de dezembro, o assunto e o tom de entusiasmo se repetem na reprodução de artigo do *La Prensa* no qual se afirma que os conflitos tinham sido solucionados pelo general Mitre:

> Es indudable que la cuestión que existía con el Brasil ha sido arreglada por el plenipotenciario argentino, el general Mitre.

> Los tratados no son aún conocidos del público.
> Las correspondencias y transcripciones que se han copiado, tomadas de la prensa del Brasil, son las que han servido para establecer juicios entusiastas en favor de la negociación.
> Ese entusiasmo llegó a tal punto, que hubo boletín que anunciaba dichos tratados con las siguientes palabras: *paz con el Brasil* (LA NACIÓN, 01/12/1872).

Ainda segundo a publicação, o nome de Mitre "era apreciado y respetado en el Brasil y nadie mejor que el autor de los tratados del 1º de mayo de 1865 podía encargarse de salvar las dificultades que la interpretación de ese trabajo suscitara" (LA NACIÓN, 01/12/1872). Além disso, ele seria a pessoa mais adequada para a missão graças a sua "indisputable ilustración y a sus eminentes cualidades de hombre público" (LA NACIÓN, 01/12/1872). O jornal traz ainda uma crítica ao tom mais agressivo da imprensa e evoca a imagem da opinião pública que teria se colocado a todo momento contrária à guerra. Personificada, ela é apresentada como forte e capaz de se fazer sentir pelos governos em ambos os países:

> Tanto en el Brasil como en la República Argentina, a pesar de la belicosa vocinglería de algunos órganos de la prensa, la opinión pública se había pronunciado enérgica en contra de la guerra y en pueblos libres como estos, la fuerza de la opinión se hubiera hecho sentir de una manera irresistible sobre los gobiernos, impeliéndolos en un sendero de conciliación y de paz (LA NACIÓN, 01/12/1872).

No dia 08 de dezembro, encontramos a reprodução de um artigo do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro, ligado diretamente à diplomacia brasileira, que critica o tratamento que o *A República* conferiu à questão por ter como fim "denigrar sistematicamente nuestra forma de gobierno, para llegar a la conclusión de que todos los males vienen de la monarquía, que considera planta exótica en las tierras de América" (LA NACIÓN, 08/12/1872). Segundo *A Nação*, nem mesmo a imprensa argentina teria sido tão virulenta com o Império como o *A República* que, agora que as negociações estariam concluídas, continuava atacando-o. Para o jornal monarquista, "cualquiera que hubiese sido el desenlace del conflicto argentino, no obtendría la aprobación de la *República*; censurando por sistema, agrediendo por odios, victoreando por cálculos (…)" (LA NACIÓN, 08/12/1872). Assim, ataca o jornal republicano e defende o encaminhamento dado pelo Império ao conflito argentino-brasileiro. O *La Nación*, por sua vez, busca em um jornal representante dos interesses imperiais, a legitimação para a missão de Mitre e seu suposto êxito. Na mesma edição, também apresenta, através das palavras de seus próprios redatores, sua posição:

> Hemos dado nuestro juicio sobre los ajustes celebrados entre los plenipotenciarios argentino y brasilero, partiendo de las bases que se daban como auténticas en el público.
> En este sentido, hemos dicho que esos ajustes eran convenientes y honrosos para todos; felicitándonos de que hubieron terminado tan satisfactoriamente las dificultades que alarmaron por un momento a dos gobiernos amigos y a dos pueblos que, en nombre de la

> civilización, permanecieron juntos cinco años en los campos de batalla" (LA NACIÓN, 08/12/1872).

No dia 11 de dezembro, o *A República* volta a aparecer no *La Nación* como exemplo de uma parte da imprensa que vinha questionando os termos dos acordos fechados com Mitre. Posição contestada por periódicos como o próprio *A Nação*, o *Correio do Brasil* e o *Diário do Rio* que defendiam o governo imperial. Assim, forma-se nova polêmica na imprensa do Rio de Janeiro em torno dos artigos do acordo de Mitre com o governo imperial pela divisão dos territórios paraguaios. Como já sabemos, a questão teve continuidade em 1873 e acaba não resolvida em razão do Barão de Araguaia não apoiar Mitre em Assunção. A solução teria vindo apenas em 1878 com arbitramento dos Estados Unidos. De todo modo, os rumos de uma nova guerra ficam bastante claros na imprensa e, ao mesmo tempo, a atuação da diplomacia no sentido de evitá-la. Cabe agora realizar o mesmo exercício de reflexão do lado brasileiro a partir do *Jornal do Commercio*.

A Missão Mitre no *Jornal do Commercio*

É no contexto já anteriormente apresentado da primeira fase das representações do *Jornal do Commercio* sobre a Argentina que se insere a Missão Mitre. Nesse período, prevalece uma visão negativa sobre o país vizinho, marcada por rivalidades geopolíticas e disputas de fronteiras. Ao mesmo tempo, o jornal se mostra preocupado, como veremos nos artigos analisados adiante, com a repercussão do movimento republicano na Argentina, o que poderia levar a uma ideia de que o Império estaria ameaçado. Ao longo do ano de 1872, principalmente no período da missão, a partir de junho, a Argentina, Mitre e os conflitos com o Brasil aparecem constantemente no jornal. O tom de rivalidade está bastante presente. No dia 05 de junho, o *Jornal do Commercio* critica "os homens políticos que se acham a frente da imprensa de Buenos Aires" (JORNAL DO COMMERCIO, 05/06/1872) por atacarem violentamente o Brasil e reproduz um folheto, assinado por C. de W., que teria circulado na Argentina em defesa do Império. No folheto, o autor analisa detidamente os termos do Tratado de Aliança a fim de provar ser lícito que o Brasil negociasse diretamente com o Paraguai. O tratado também não serviria para o Paraguai pós-guerra. Uma longa crítica ainda é dirigida a Mitre apresentando-o como "um personagem conhecido pela guerra" (JORNAL DO COMMERCIO, 05/06/1872) que estaria interessado em romper com a aliança entre os países.

No dia 15 de junho, o jornal seleciona para a seção "Publicações a pedido" textos de leitores que criticam veementemente a Argentina e a figura do enviado ao Brasil. Neles aparecem referências à "insolente nota de Tejedor", a acusação a Mitre de agredir o Império no seu jornal e

seu empenho em aprovar no Congresso a compra de encouraçados e armamentos para a Argentina. Em uma das cartas assinada por "Um brasileiro de coração", apela-se ao patriotismo na construção de uma opinião pública contrária à nota do ministro argentino Carlos Tejedor: "Quem ler a insolente nota de Tejedor e não sentir-se indignado por semelhante ousadia, deve imediatamente considerar-se fora da família brasileira" (JORNAL DO COMMERCIO, 15/06/1872). Em outra carta, na qual a figura de Mitre aparece diretamente, prevalecem a crítica, a ironia e o argumento da indignação pública, apresentada como unida a despeito das divisões partidárias. Não se falaria em outro assunto no Rio de Janeiro. Assim, o inimigo externo era convocado na tentativa de forjar unidade diante do avanço das ideias e da imprensa republicanas. São cobradas ainda ações do Visconde do Rio Branco no sentido de responder aos ataques dos vizinhos e o próprio governo brasileiro não é poupado da crítica; era preciso ser firme e enérgico. Quem assina é "O voluntário", o que sugere uma suposta espontaneidade da fala:

> [Mitre] Fez bem em agredir-nos no seu diário! Culpa teve o nosso governo em tratar as atenções com que tratou esse *buen amigo* [grifo no original].
> E vem o famoso general em missão diplomática à corte do Brasil depois da insolente nota de 27 de Abril, depois dos insultos que dirigiu, na imprensa, ao Brasil e ao seu representante no Rio da Prata, e depois de ter feito passar no congresso um crédito para compra de encouraçados e armamento!
> Como respondeu ou pretende responder o governo à nota de 27 de Abril? A nação precisa saber disso. (...) Não se fala em outra coisa nesta cidade. A indignação pública subiu ao seu auge, e este povo mais uma vez demonstra que diante dos insultos do estrangeiro não há entre nós partidos políticos.
> A política do governo deve ser firme, digna e enérgica.
> Sr. Visconde do Rio Branco; cumpre o seu dever e responda às diatribes do governico de Buenos Aires com a dignidade própria de um ministro do Brasil!
> As condescendências e fraquezas dos nossos governos têm aumentado a petulância dos nossos vizinhos
> Que pretende fazer o governo? É urgente sabê-lo.
> O voluntário (JORNAL DO COMMERCIO, 15/06/1872).

O mesmo tom de crítica a Mitre é apresentado na seção de "Publicações a pedido" no dia 16 de junho. O autor, que pode ser algum redator do próprio jornal, não assina e reproduz trechos de reportagem do *Jornal da Tarde* do dia anterior. Estes trechos falam da vinda de Mitre ao Brasil, acusando-o de insultar o país na imprensa argentina após "ter recebido tantas provas de considerações dos Brasileiros" (JORNAL DO COMMERCIO, 16/06/1872). O jornal ainda estaria convocando o governo e a população à guerra se não se chegasse a um bom termo. Diante da provocação do inimigo, "todos os Brasileiros se erguerão como um só homem para apoiar o governo que a repelir dignamente" (JORNAL DO COMMERCIO, 16/06/1872). E complementa mais adiante que nessa questão não haveria conservadores ou republicanos, apenas brasileiros. Convoca, assim, mais uma vez, a unidade interna contra um inimigo externo.

No dia 17 de junho, na seção "Exterior", o jornal fala das críticas feitas ao Brasil pelo *La Nación* e sugere que Mitre não seria a pessoa mais adequada para uma missão "melindrosa e delicada" que exigiria "espírito conciliador e ânimo desprevenido" (JORNAL DO COMMERCIO, 17/06/1872). Diz que o Brasil teria muitas razões para recusar receber o ministro argentino sem a retirada da nota de Tejedor. Na mesma edição, o jornal também acusa o governo e a imprensa argentinos de traduzir jornais republicanos contrários ao governo imperial e tomar suas opiniões como representantes dos brasileiros. Assim, o jornal monarquista e conservador aproveita para criticar internamente a imprensa de oposição. Para essa crítica, reproduz trechos do artigo do *Democracia*, de Porto Alegre, utilizado pelo *La Nación* no dia 01 de junho, já mencionado, no qual critica o Império e elogia a "autoridade moral" do general que vinha em missão diplomática. Critica, com isso, a falta de patriotismo dos republicanos no Brasil. "É que os nossos republicanos, quando se trata da dignidade do Brasil, não são 'zelosos como os argentinos, povo enérgico e viril'!" (JORNAL DO COMMERCIO, 17/06/1872) – frase esta construída a partir da citação de trecho do *Democracia* que elogiaria os argentinos.

Como já dissemos anteriormente, as disputas internas entre monarquistas e republicanos são refletidas nas páginas do jornal na década de 1870. Assim, havia uma forte preocupação em torno da imagem construída no país vizinho, com quem se rivalizava diplomaticamente naquele momento, acerca de uma possível vulnerabilidade do Império diante do avanço do movimento republicano. Lembramos das afirmações de Pierre Milza sobre as intrínsecas relações entre política externa e política interna. Todos os atos da política externa sofrem influências da política interna. Para o autor, "não há diferença de natureza, tampouco separação estanque entre o *interior* e o *exterior* [grifos do autor], mas interações evidentes entre um e outro, com, entretanto, uma primazia reconhecida do primeiro sobre o segundo" (MILZA, 2003, p. 370). Assim, é fundamental considerar como os habitantes de um país percebem a si mesmos e aos outros, suas ideologias e "os sistemas de valores reivindicados por suas elites e entre os quais se dividem as grandes correntes da opinião pública etc." (MILZA, 2003, p. 370). Ainda segundo Milza, "as opções da política externa podem (...) ser utilizadas pelos grupos dirigentes para cultivar um mínimo de consenso na opinião pública, preservar a ordem social e defender o regime contra as investidas de seus adversários" (MILZA, 2003, p. 379). Assim, desenvolve-se todo um projeto mobilizador que forja a unidade da nação diante dos rivais, internos e externos. Podemos dizer que estas preocupações estão claramente refletidas no discurso do *Jornal do Commercio* contra a diplomacia, o governo e a imprensa argentinos, mas também contra os republicanos no Brasil. Simultaneamente, o autor defende que os acontecimentos e decisões de ordem internacional influenciam diretamente a política interna; em um mundo de grande interdependência, as pressões externas seriam cada vez mais fortes.

Evidentemente, a conjuntura de final do século XIX se distingue daquela em que Milza escreve no final do século XX, mas sem dúvida as questões externas do Prata, entre outras, exerceram forte impacto nas políticas imperiais. Portanto, o interno e o externo se encontram e produzem importantes efeitos políticos em um período de disputas territoriais na região do Prata – considerando-se a política externa para a região – e de forte pressão republicana – no que se refere aos conflitos políticos internos. Questão clara nas análises sobre a imprensa brasileira da época, com destaque, neste artigo, para o *Jornal do Commercio*.

Ana Luiza Martins mostra como no final do século XIX nas folhas do Rio de Janeiro, e mesmo do interior, o questionamento do sistema esteve significativamente presente centrando-se em três temas principais: as crises entre a Igreja e o Estado, a insatisfação dos militares com o Império e a abolição. Para a autora, "na perspectiva da história da imprensa, o ano de 1870 vem carregado de significados" (MARTINS, 2018, p. 73). A fundação do Partido Republicano e do jornal *A República* (aqui bastante criticado pelo *Jornal do Commercio*) e o lançamento do *Manifesto Republicano* levaram a um intenso uso da imprensa em prol da causa republicana, contrapondo-se "uma Monarquia que sufocava a uma República que libertava" (MARTINS, 2018, p. 73). Assim, as falas do *Jornal do Commercio* sobre a questão platina e seu suposto uso pelos republicanos refletem um debate interno que envolve diretamente a crítica à monarquia. Mais do que as tensões entre Brasil e Argentina, encontramos as tensões entre monarquistas e republicanos em um período chave de transformação das ideias políticas no Brasil. Ana Luiza Martins complementa:

> O ideal republicano – acalentado no Brasil desde o século XVIII – retornava agora sob a pena dos jornalistas como programa de partido, que privilegiava a atuação por meio de uma imprensa partidária. Certo que entre 1870 e 1885 essa propaganda republicana arregimentou poucos correligionários. Mas a ideia de República foi encampada e propalada por uma imprensa vivaz, onde militaram liberais, jovens oficiais, cafeicultores do sudeste e os quadros do Partido Republicano Paulista (PRP), que fizeram dos prelos o instrumento preferencial da campanha republicana (MARTINS, 2018, p. 73).

Era essa imprensa engajada na defesa do ideal republicano que o *Jornal de Commercio* combatia. Nas publicações aqui analisadas, o externo e o interno se encontram, portanto, diretamente.

No dia 19 de junho, na seção "Publicações a pedido" (assinada apenas com X.X.X), o *Jornal do Commercio* também utiliza da estratégia de reproduzir trechos de jornais argentinos. Os selecionados questionam a escolha de Mitre para as negociações com o Brasil. Em tom de ironia, um artigo não assinado do jornal *Unión* de 28 de maio diz que Mitre foi onipotente como legislador, ministro, general e presidente, só faltando-lhe ser papa. Mas, não teria demonstrado capacidade em

todas essas esferas de atuação. Apenas estava na moda e "todos o aplaudiram por aclamação" (JORNAL DO COMMERCIO, 19/06/1872). Mitre não seria bom político, tendo deixado derramar muito sangue dentro e fora do país, empobrecido e desmoralizado a Argentina. No mesmo dia, o jornal reproduz outro artigo do *Unión*, desconfiado em relação a Mitre, mas menos agressivo. Em seguida, recorta trechos do *El Nacional*, jornal que se opôs ao envio de um ministro ao Brasil desde o início, mas que nesse momento não se opõe radicalmente à figura de Mitre. Apenas ressalta que "até o ano passado, o general Mitre acreditava na boa fé do Brasil, acreditava na lealdade dos seus homens políticos, e até na amizade pessoal com que muitas vezes o haviam brindado" (JORNAL DO COMMERCIO, 19/06/1872). Não obstante, o redator diz crer que "todas as precauções que um homem de estado possa tomar, no limite e direção de suas faculdades, há de indubitavelmente tomá-las o general Mitre para não tornar a cair nas redes dos seus antigos amigos" (JORNAL DO COMMERCIO, 19/06/1872). Ao longo do mês de junho, o jornal segue criticando Mitre pelas falas contrárias ao Brasil no *La Nación*, mas defende no geral uma solução amigável para a questão. No dia 24 de junho, nas "Publicações a pedido", aparece a preocupação do "espírito público" com a "incongruente missão Mitre" e com uma guerra que "pode ser o penhor seguro de paz duradoura para o Império, ou o plano inclinado de sua rápida decadência" (JORNAL DO COMMERCIO, 24/06/1872). Pede ainda moderação e confiança nas soluções apontadas pelo governo imperial.

Em julho, já aparecem artigos nos quais o jornal se mostra menos crítico (e por vezes até favorável) a Mitre e à missão e, ao mesmo tempo, aponta que a imprensa argentina havia amenizado o tom agressivo contra o Brasil. No dia 07, na seção "Interior", os redatores já apresentam posição bem mais conciliatória: "Se pois, como devemos crer, o general Mitre vem sinceramente numa missão de paz, bem vindo seja, certo de que encontrará os melhores desejos de resolver amigavelmente a contenda cuja solução vem buscar" (JORNAL DO COMMERCIO, 07/07/1872). E complementa:

> (...) o tom ultimamente tomado pela imprensa argentina, fazendo votos pelo bom êxito desta missão, mais nos robustece a crença de que o jornalista apaixonado e partidário terá ficado em Buenos Aires, e que a esta corte só chegou ontem o enviado especial atento a servir os verdadeiros interesses, não já de um partido, mas de uma nação inteira (JORNAL DO COMMERCIO, 07/07/1872).

No dia 27 de julho, na seção "Exterior", esse tom mais ameno da imprensa argentina é reafirmado: "o tom rancorosamente agressivo desapareceu da polêmica séria" (JORNAL DO COMMERCIO, 27/07/1872).

No dia 27 de agosto, também na seção "Exterior", o jornal apresenta uma correspondência que teria recebido de Buenos Aires datada do dia 30 de julho. A notícia é de contentamento em

Buenos Aires, porque a missão Mitre estaria sendo capaz de evitar a guerra entre os países. Ao mesmo tempo, seus rivais políticos enfrentavam uma contradição:

> Os inimigos do general Mitre achavam-se entre a cruz e a caldeira; se se malograsse a missão, rebentaria talvez a guerra, e com que meios fazê-la?... Mas o bom êxito restabeleceria com todo o esplendor a influência do general, que, seja dito entre parênteses, tinha descaído muito nestes últimos tempos (JORNAL DO COMMERCIO, 27/08/1872).

Apesar disso, o correspondente afirma que os mais ferozes estariam insatisfeitos com o discurso amigável de Mitre dirigido ao Imperador. Com isso, a imprensa de oposição o teria atacado, enquanto o *La Nación* não teria duvidado "de uma solução pacífica e digna das duas nações" (JORNAL DO COMMERCIO, 27/08/1872). Aqui, no caso argentino, ficam claras, mais uma vez, as interrelações entre a política interna e a externa trabalhadas por Milza.

No dia 18 de setembro, também na seção "Exterior" e, mais uma vez, a partir de uma correspondência recebida de Buenos Aires datada de 07 de setembro, o tom volta a se tornar mais agressivo. O jornal diz que o *La Nación* havia incitado a opinião pública contra o Império, sugerindo que suas ações levariam à guerra. Acusa Mitre de ter participação no tom da nota de Tejedor do dia 27 de abril. Diz também que Mitre veio ao Brasil achando que iria assustar o Império, "pensando obter do medo o que bem sabia que do direito nunca obteria" (JORNAL DO COMMERCIO, 18/09/1872). Segundo o jornal, a atitude firme do governo brasileiro teria decepcionado as intenções de Mitre e agora o *La Nación* criaria um novo clima de tensão para que sua atuação se mostrasse novamente necessária diante da opinião pública e, com isso, "preparar uma situação em que ainda seja o *homem preciso* [grifo do jornal]" (JORNAL DO COMMERCIO, 18/09/1872). A seção apresenta, assim, uma dura crítica a Mitre:

> E resumindo: o Sr. General Mitre, aceitando uma missão cujo resultado negativo podia calcular de antemão, desde que ia solicitar que se anulassem os tratados feitos pelo Sr. Barão de Cotegipe com toda a justiça e direito, calculou surpreender o nosso governo com a celeuma da guerra com que a República Argentina enchia o ar, contando com o auxílio da oposição, cujas forças se exageravam; não conseguindo nada neste rumo, busca hoje outro; produzir novas confusões e complicações, ainda que seja só para servir de capa de caridade ao fiasco a que tão levianamente se expôs (JORNAL DO COMMERCIO, 18/09/1872).

No dia 06 de outubro, na seção "Assembleia Legislativa Provincial – Sessão em 5 de Outubro de 1872", o jornal começa a afirmar que a questão estaria resolvida. As notícias chegadas de Buenos Aires seriam unânimes em apresentá-la como terminada ou perto de se resolver satisfatoriamente com um acordo definitivo para ambos os países. No dia 09 de outubro, na seção "Parte Oficial – Ministério dos Negócios Estrangeiros", é apresentada uma nota da legação argentina no Brasil ao governo imperial com data do dia 03 de outubro. O documento foi assinado

pelo próprio Mitre e dirigido ao ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros, Manoel Francisco Correia. Nele Mitre pede um encontro oficial com Correia para tratar dos objetivos da sua missão, dizendo ter sido sempre recebido com "cordial amizade e segurança de um acordo reciprocamente satisfatório e honroso" por Correia nas conferências confidenciais que tiveram[7]. Reafirma esperar que os objetivos de sua missão sejam satisfeitos "de modo que cumpridos na paz os compromissos da aliança como o foram durante a guerra, produza ela os resultados que são de desejar, assegurando a paz destas regiões da América, e fazendo participar de seus benefícios até mesmo o Paraguai" (JORNAL DO COMMERCIO, 09/10/1872). No dia 07 de outubro, Correia responde apontando um "espírito amigável" no ministério que iria restabelecer "de modo digno e cordial as relações benévolas dos dois governos". Diz que o governo brasileiro aceitava ouvir também o Paraguai nas negociações e que logo convidaria o plenipotenciário argentino para iniciarem as conferências que garantiriam a manutenção da cordialidade entre os países. Esta cordialidade teria caracterizado seus antecedentes e seria reclamada no "mundo civilizado":

> O plenipotenciário brasileiro não tardará a convidar o Sr. plenipotenciário argentino para abrirem a conferências, das quais ambas as nações devem esperar a manutenção da cordial inteligência que corresponde aos seus antecedentes e é altamente reclamada, não só pelos seus recíprocos interesses, mas ainda pelos do mundo civilizado (JORNAL DO COMMERCIO, 09/10/1872).

No dia 16 de outubro, na seção "Gazetilha. Questão argentina", o *Jornal do Commercio* apresenta as negociações como concluídas, tendo-se chegado a um acordo satisfatório a partir de um convênio que contribuiria "para a paz e a felicidade de ambas as nações":

> Consta-nos que está concluída a negociação do Sr. Marquês de S. Vicente com o general Mitre, enviado da Republica Argentina, tendo-se chegado a um acordo honroso e satisfatório para ambas as partes contratantes.
> Das disposições conciliadoras com que de um lado e outro se entrou nas conferências, resultou um convênio que contribuindo, assim o esperamos, para a paz e felicidade de ambas as nações, redundará também em honra dos dois governos e seus plenipotenciários (JORNAL DO COMMERCIO, 16/10/1872).

No dia 28 de novembro, nas "Publicações a pedido. O patriotismo da República", as disputas políticas entre monarquistas e republicanos voltam a aparecer. Segundo o texto, assinado apenas como "Da Nação", a questão argentina teria tido um desenlace amigável e os termos do

[7] Anos depois, em 1897, a *Revista do IHGB* publicou longo depoimento no qual o ministro Manoel Francisco Correia relata suas negociações confidenciais com Mitre em encontros que teriam ocorrido entre julho e setembro de 1872. Trata-se de um importante documento não apenas sobre as negociações em si, mas também sobre o interesse do IHGB pela missão 25 anos depois, já no início da República. Ver: Missão Especial do General Argentino D. Bartolomé Mitre ao Brasil em 1872. Negociação confidencial. Leitura do Conselheiro Manoel Francisco Correia no Instituto Histórico. *Revista do IHGB*. Tomo LX. Parte I. RJ: Cia Typographica do Brazil, 1897, p. 5-74.

acordo teriam sido bem aceitos pela Argentina e mesmo pelo Uruguai que havia decidido não tomar parte nas negociações. Contudo, quem estaria incitando a guerra seriam os republicanos. Estes estariam se empenhando em convencer vizinhos como a Bolívia e o Paraguai de que a monarquia estaria congraçada com as repúblicas do Prata, sacrificando seus interesses. Critica ainda diretamente o jornal *República* por suas "insinuações antipatrióticas". O jornal apresenta o governo imperial como "generoso" e "fiel aos seus compromissos" (JORNAL DO COMMERCIO, 28/11/1872).

No dia 21 de dezembro, é publicada nova correspondência trocada entre Mitre e Manoel Francisco Correia, na seção "Gazetilha. Ministério dos Negócios Estrangeiros", na qual a questão é apresentada como resolvida. Mitre diz:

> Tenho a honra de comunicar V. Ex. que o governo da república, com data de 27 do próximo passado, houve por bem aprovar completamente o meu procedimento como plenipotenciário, nas negociações que tiveram lugar nesta corte, e que deram em resultado o acordo de 19 de Novembro.
> (...) aprovada a minha conduta como plenipotenciário nos termos que deixo indicado, os objetos de minha missão especial estão, felizmente, preenchidos com aprovação dos três governos aliados (JORNAL DO COMMERCIO, 21/12/1872).
>
> Manoel Correia responde:
>
> (...) declara o Sr. general estarem, felizmente, preenchidos os objetos de sua missão, com aprovação dos três governos aliados; e felicita o governo imperial por tão plausível acordo, que põe termo às questões pendentes, e assegura a paz ao futuro.
> Em resposta, apressa-me a declarar a S. Ex. o Sr. general que a sua comunicação foi grata ao governo imperial, o qual devidamente apreciou ver revestido de todas as precisas solenidades o acordo que, terminando de modo satisfatório as questões pendentes, mantem a cordialidade das relações entre os dois Estados (...) (JORNAL DO COMMERCIO, 21/12/1872).

Assim, Mitre aparece como aquele que, por suas habilidades diplomáticas, teria solucionado um conflito que poderia ter levado à guerra entre a República Argentina e o Império. Ele investe nesta imagem e Correia contribui, ainda que indiretamente, para isso. Essa foi a imagem também reverberada pelo *La Nación* na Argentina de modo a destacar o papel diplomático de Mitre naquele contexto e, ao mesmo tempo, responder aos seus opositores. De fato, uma guerra foi evitada e os conflitos entre os países foram apaziguados nos anos posteriores. Não obstante, como vimos, as disputas por territórios paraguaios são solucionadas apenas anos depois, em 1878. Em 1873, o *Jornal do Commercio* publica artigos sobre a ida do Barão de Araguaia a Assunção para assinar o acordo com Mitre. Apenas para apresentar um panorama breve de como seguem as tensões, apresentamos algumas de suas edições.

No dia 28 de julho de 1873, na seção "Exterior", o tom é de otimismo, informando que logo Mitre e o Barão estariam de volta aos seus países "tendo terminado na mais completa harmonia uma das questões mais importantes para o equilíbrio desta parte do continente sul-americano" (JORNAL DO COMMERCIO, 28/07/1873). No dia 07 de agosto, também na seção "Exterior", o jornal mostra, através de correspondência enviada de Montevidéu no dia 28 de julho, que os acordos começavam a dar errado, porque o Barão de Araguaia passou a apoiar a relutância do governo paraguaio em ceder às exigências do governo argentino. Fala também do quanto a questão vinha sendo usada contra Mitre na disputa presidencial na Argentina. Em 25 de outubro, nas "Publicações a pedido", o jornal publica texto no qual volta a criticar duramente a Argentina e defende o Brasil das acusações de responsabilidade pelo fracasso do acordo; o Brasil teria se sacrificado demais, enquanto a república vizinha teria apenas obtido vantagens. Em suma, a possibilidade de guerra se afasta, mas, como mostra Francisco Doratioto, a questão permanece ainda por bastante tempo.

Considerações Finais

Verificamos, portanto, um conflito na imprensa, aqui representada pelos jornais *La Nación* e *Jornal do Commercio*, mas que se expandia por diferentes periódicos em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, refletindo as imagens construídas acerca do país vizinho. Ao mesmo tempo, o debate reflete as disputas políticas internas que se desenrolavam na Argentina e no Brasil no pós-guerra. No caso brasileiro, o conflito foi também apropriado pelos republicanos que reforçavam sua fala no combate ao regime monárquico. Estas rivalidades de caráter externo e interno motivaram a publicação de inúmeros textos sobre as relações entre os países no período imediatamente posterior à Guerra do Paraguai que nos servem de fonte para a análise desenvolvida neste artigo. Segundo Tânia de Luca, trabalhamos com o que virou notícia. Então, é preciso "dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa", bem como "(...) atentar para o destaque conferido ao acontecimento" (LUCA, 2005, p. 140). É preciso pensar, assim, o espaço ocupado pelo assunto no jornal, a coluna, a seção e, além disso, as diferentes formas e significados assumidos pelos discursos. Neste artigo, traçou-se um panorama, a partir de um recorte, que comprova que a questão foi mobilizada pela imprensa em ambos os países, sobretudo a partir da ideia de uma iminente ameaça de guerra. As defesas da hegemonia do Império no Prata e da própria monarquia – do lado brasileiro – e da atuação de Mitre na defesa dos interesses territoriais e diplomáticos do seu país – do lado argentino – funcionaram como motivação para as sucessivas publicações durante meses e em diferentes colunas e seções.

Tânia de Luca ainda destaca o quanto "a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de se chegar até o público" (LUCA, 2005, p. 139). Aspecto que fundamentalmente deve ser pensado pelo historiador. Lembramos, além das questões já mencionadas, que ambos os veículos, nas últimas décadas do Império, apresentavam visões mais amenas sobre o vizinho. No caso do *La Nación*, já analisamos em outras ocasiões como suas páginas são utilizadas por Mitre para reverberar na Argentina seu olhar positivo sobre o Império brasileiro e seus personagens mais ilustres[8]. No *Jornal do Commercio*, temos uma mudança de posição em 1879, já apontada, que o faz ver na Argentina um modelo, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento econômico. Contudo, em 1872, em um momento de fortes disputas diplomáticas relacionadas à divisão do território paraguaio após a guerra, as rivalidades mantidas após as independências (PRADO, 2001), ainda que de forma mais moderada que em outros periódicos, aparecem nesses jornais levando à desconfiança em relação ao vizinho e à própria figura de Mitre como negociador – por jornais brasileiros e por argentinos de oposição a ele. A imprensa é, portanto, um palco de disputas privilegiado onde essas questões aparecem de forma a alcançar a opinião pública. De todo modo, nesse episódio Mitre ganha projeção não apenas como general, presidente e historiador, mas como negociador com o Império do qual era bastante próximo, o que também motivava as críticas dos seus opositores.

Por fim, ressaltamos as contribuições para a historiografia de estudos que relacionem história, diplomacia e imprensa. No contexto aqui trabalhado, fica clara a intensa atuação da diplomacia na resolução das disputas territoriais no Prata após a guerra e da imprensa na divulgação destas ações e na busca de uma opinião favorável que as legitimasse. Com isso, foi possível observar, ao mesmo tempo, as intrínsecas relações entre as políticas externa e interna e o quanto elas se manifestam nos periódicos. Utilizados cada vez mais pela historiografia como fonte e como objeto, aqui os jornais nos serviram mais como fontes e abriram possibilidades para se pensar a diplomacia para além da própria documentação diplomática. Por conseguinte, a relacionamos a questões políticas mais amplas, como o avanço do republicanismo no Brasil, as eleições presidenciais na Argentina e as relações com um público que acompanhava pela imprensa os movimentos posteriores à guerra, temeroso de um novo conflito que pudesse gerar muitos custos a ambos os países.

Referências

Fontes

[8] Ver: (BARCELOS, 2019, p. 203-230).

La Nación (Acervo: Hemeroteca del Congreso de la Nación, Buenos Aires):
Ano: 1872 – 23/01; 23/04; 01, 09, 18/06; 06, 14 e 23/07; 08 e 29/08; 07 e 28/09; 22 e 27/11; 01, 08 e 11/12.

Jornal do Commercio (Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional):
Ano: 1872 – 05, 15, 16, 17, 19 e 24/06; 07 e 27/07; 27/08; 18/09; 09 e 16/10; 28/11; 21/12.
Ano: 1873 – 28/07; 07/08; 25/10.

Revista do IHGB (Acervo: IHGB – site do Instituto):
Missão Especial do General Argentino D. Bartolomé Mitre ao Brasil em 1872. Negociação confidencial. Leitura do Conselheiro Manoel Francisco Correia no Instituto Histórico. *Revista do IHGB*. Tomo LX. Parte I. RJ: Cia Typographica do Brazil, 1897, p. 5-74

Bibliografia

BARCELOS, Ana Paula. Política, diplomacia e história: Instituições e poder a partir de Bartolomé Mitre e o Império brasileiro. In: NEDER, Gizlene; BARCELOS, Ana Paula (org.). *Direito, religião e cultura política:* Variações. RJ: Mauad X, 2019, p. 203-230.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 185-211.

DONGHI, Tulio Halperin. Mitre y la formulación de una historia nacional para la Argentina. *Anuario del IEHS*, 11, Tandil, p. 57-69, 1996.

DORATIOTO, Francisco. A imprensa de oposição e a política brasileira em relação ao Paraguai (1869-1875). *Textos de História*, p. 77-102, 1993.

_____. *Maldita Guerra.* Nova história da Guerra do Paraguai. SP: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O Brasil no Rio da Prata (1822-1994).* Brasília: FUNAG, 2014.

FREITAS NETO, José Alves. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. In: *Revista História da Historiografia.* Ouro Preto, p. 74-89, n. 7, nov/dez 2011.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas.* SP: Editora Contexto, 2005, p. 121-147.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da Imprensa no Brasil.* SP: Editora Contexto, 2018, p. 45-80.

MÍGUEZ, Eduardo. *Bartolomé Mitre:* Entre la nación y la historia. Buenos Aires: Edhasa, 2018.

MILZA, Pierre. Política interna e política externa. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 365-399.

PALTI, Elías José. La *Historia de Belgrano* de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani".* 3ª série, n. 21, p. 75-98, 1º sem de 2000.

PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, 145, p. 127-149, 2001.

RAMOS, Paula. O Jornal do Commercio e as representações sobre a Argentina na crise do Brasil Império (1870-1889). *Faces da História*, Assis-SP, v. 2, n. 1, p. 143-158, jan-jun 2015.

ROMERO, José Luis. *Mitre.* Un historiador frente al destino nacional. s/l: s/n, 1943.

SÁBATO, Hilda. Prólogo – Disputas políticas por la construcción de la república (1950-1880). In: TITTO, Ricardo de (comp.). *El pensamiento de Bartolomé Mitre y los liberales.* Buenos Aires: El ateneo, 2009, p. 9-26.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. RJ: Mauad,1999.